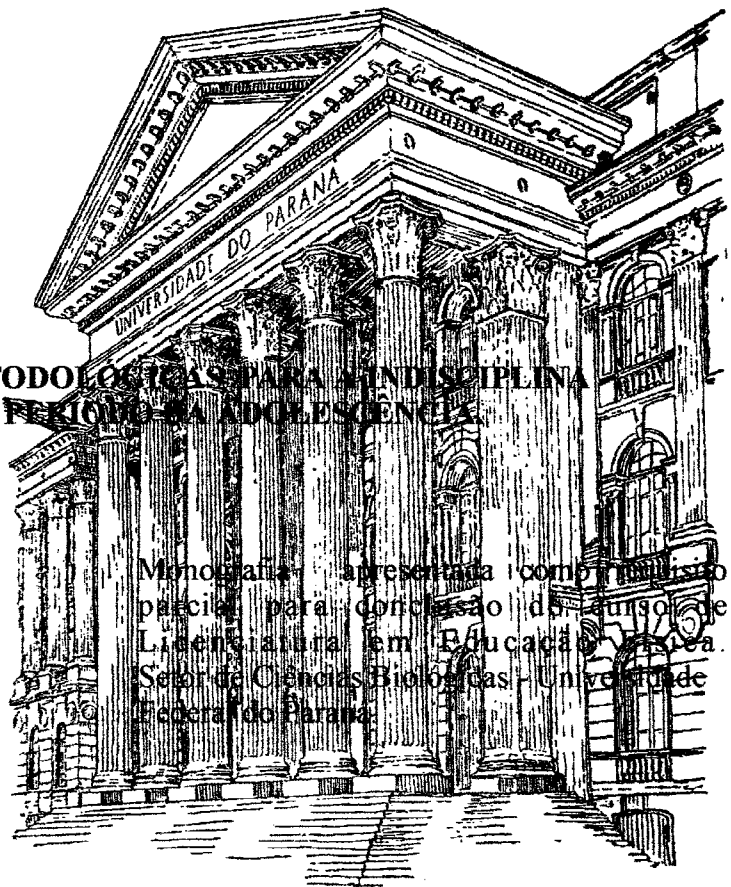


EMILENE GODOY WOLTERS

**ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A DISCIPLINA
ESCOLAR NO PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA**

Memoária apresentada como requisito
parcial para conclusão do curso de
Licenciatura em Educação - Área
Ser de Ciências Biológicas - Universidade
Federal do Paraná



CURITIBA
1998

EMILENE GODOY WOLTERS

**ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A INDISCIPLINA ESCOLAR NO
PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do curso de Licenciatura em
Educação Física.

Setor de Ciências Biológicas - Universidade
Federal do Paraná.

Professor - Orientador: Marynelma Garanhani

CURITIBA
1998

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
1.0 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	2
1.3 OBJETIVO.....	2
2.0 REVISÃO DE LITERATURA.....	3
2.1 CONCEITO DE DISCIPLINA.....	3
2.2 COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA.....	5
2.3 A FALTA DE DISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	10
2.4 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS RELACIONADAS A FALTA DE DISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	13
3.0 METODOLOGIA.....	22
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

RESUMO

Este estudo teve como propósito pesquisar a falta de disciplina nas escolas no período da adolescência. No primeiro momento procurou-se abordar o conceito de disciplina, buscando através da opinião de alguns autores como VASCONCELLOS (1995), BETTELHEIM (S.D.), FREITAG (1994) e também o DICIONÁRIO AURÉLIO (S.D.), um maior esclarecimento sobre este conceito. De grande importância para o estudo, em um segundo momento, foi compreender o período da adolescência e suas características. Logo após, discutimos a falta de disciplina no contexto escolar, como e onde a disciplina se manifesta e como os professores, dirigentes e alunos contribuem para esta falta de disciplina. Finalmente, apresentamos orientações metodológicas que o professor poderá analisar e aplicar na sua prática pedagógica, ou seja, o que a escola e o aluno poderão contribuir para que o processo de transmissão do conhecimento se dê da melhor forma possível, conseguindo alcançar resultados significativos e que com certeza surtirão efeitos positivos para todos os envolvidos.

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

A cada dia que passa a indisciplina aumenta nas escolas e tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores, como nos traz VASCONCELLOS, 1995. “Diante da presença e da dificuldade de enfrentar a situação, chegamos a ouvir de educadores que o problema da disciplina sempre existiu na escola, que não é um problema novo e que sempre vai existir” (VASCONCELLOS, 1995, p.13).

Ela aparece não só dentro da sala de aula, através de conversas paralelas, destruição de carteiras, desrespeito a figura do professor, como também durante os intervalos, recreios e até nas aulas de Educação Física, onde o professor oportuniza a prática esportiva e atividades lúdicas como brincadeiras, jogos, dança, etc, estando o aluno ao ar livre, no pátio, quadra de esportes, ginásio, parecendo assim ter mais liberdade.

Na maioria das vezes os professores têm dificuldades com a indisciplina apresentada pelos alunos. Não conseguem passar o conteúdo com qualidade de ensino, portanto, atingir suas metas educacionais durante as aulas se torna impossível. Os professores ficam desmotivados, não sabem o que podem fazer, ou seja, como enfrentar este tipo de comportamento no ambiente escolar.

Através de alguns estágios em colégios da rede pública de ensino da cidade de Curitiba, do qual participei no decorrer dos anos letivos, enquanto acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, como também durante a vivência como bolsista do Projeto de Licenciatura (PROLICEN) “Movimentando a Educação Física no Ensino Básico” – UFPR/96, tive a oportunidade de observar na prática, durante os estágios, como os alunos, professores e demais envolvidos com a tarefa de educar, saem prejudicados com a presença da indisciplina, dificultando o processo de ensino – aprendizagem.

Através destas experiências surgiu o interesse em aprofundar o tema da indisciplina escolar no período da adolescência, pois é uma fase crítica do ser humano, onde ele apresenta transformações físicas e psíquicas. Também é nesta fase que o jovem questiona o seu papel na sociedade adulta, está inseguro do que irá acontecer com ele de agora em diante, estão impacientes e intolerantes com as regras a serem seguidas, às diferenças, desigualdades e injustiças. E é geralmente dentro da escola que estes problemas e

dificuldades aparecem, devido ao convívio com outros jovens que estão passando pelas mesmas transformações, como também é na escola que as regras são conhecidas, devendo haver o respeito sempre um com o outro, e é o lugar que os adolescentes tem que passar a maior parte do dia, ou seja, é o local do seu convívio social.

Diante do contexto apresentado, surge portanto a seguinte questão: quais são as orientações metodológicas presentes na literatura, referente à indisciplina escolar na fase da adolescência.

1.2 JUSTIFICATIVA

Devido ao estágio no qual participei e minhas vivências pedagógicas nos Colégios da Rede Pública de ensino da cidade de Curitiba, surgiu o interesse em estudar sobre a indisciplina no contexto escolar com os adolescentes. Através de observações pude perceber a dificuldade em conseguir a disciplina dentro da escola.

VASCONCELLOS (1995, p.21) nos coloca que: “Vemos muitos professores perplexos, angustiados e até pensando em desistir da profissão, pois além dos baixos salários, do desprestígio social, ainda **têm que aguentar desaforos e desrespeito** dos alunos em sala de aula, que **não querem nada com nada.**”

Neste sentido o estudo em questão torna-se de suma importância para que os educadores (professores, orientadores, psicólogos, coordenadores, etc), possam através da leitura e análise deste estudo, encontrarem orientações metodológicas adequadas para trabalharem com a indisciplina no contexto escolar, buscando avaliar a sua prática pedagógica para que ela se concretize em um ambiente onde haja respeito e educação por parte de alunos e professores para que durante o processo de ensino - aprendizagem, todos possam doar e absorver o melhor que a escola pode lhes oferecer.

1.3. OBJETIVO

Investigar na literatura, orientações metodológicas sobre a indisciplina escolar no período da adolescência.

2.0 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITO DE DISCIPLINA

Para que possamos estudar e compreender a indisciplina dentro da escola, devemos em um primeiro momento nos ater ao conceito de disciplina.

No DICIONÁRIO AURÉLIO (S.D., p.595) encontramos a palavra disciplina como:

1. Regime de ordem imposta ou livremente consentida. 2. Ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc). 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. 4. Observância de preceitos ou normas. 5. Submissão a um regulamento. 6. Qualquer ramo do conhecimento (artístico, científico, histórico, etc). 7. Ensino, instrução, educação. 8. Conjunto de conhecimentos em cada cadeira dum estabelecimento de ensino; matéria de ensino.

O conceito de disciplina segundo o DICIONÁRIO AURÉLIO (S.D.), nos dá a entender uma característica de submissão, ordem, obediência em relação à alguém ou à alguma coisa. Mas nem sempre o silêncio pode revelar ou ser garantia de disciplina ou no caso dos alunos que ele está aprendendo. Muitas vezes esse silêncio pode representar o medo de errar, o medo de ser ridicularizado por alguma dúvida que para os outros possa parecer sem importância.

Em WALLON citado por VASCONCELLOS (1995, p.37), “a disciplina pode ser entendida diferentemente segundo a tarefa do mestre é considerada como de puro ensino ou de educação e segundo o aluno é considerado como uma simples inteligência a guarnecer de conhecimentos ou como um ser a formar para a vida.” Este conceito nos mostra que para o professor e o aluno a disciplina tem significados diferentes. Para um a disciplina é o silêncio dentro da sala de aula demonstrando a educação dos alunos e seu interesse em aprender, por outro lado os alunos vêem a disciplina como uma forma de aprendizado para sua vida.

O SHORTER OXFORD ENGLISH DICTIONARY citado por BETTELHEIM (S.D., p.103), define disciplina da seguinte maneira: “1. Instrução transmitida a discípulos ou alunos; ensino; aprendizagem; educação. 2. Um ramo da educação; um setor do conhecimento. 3. Treinamento de alunos e subordinados a uma conduta e ação adequadas, através de instrução e exercício; treinamento mental e moral”. Podemos perceber que este conceito demonstra a mesma conotação que o DICIONÁRIO AURÉLIO (S.D.).

Uma visão interessante do conceito em discussão foi dado por FREITAG (1994, p.103), no qual ela diz que a disciplina é a “[...] transformação do lado selvagem (do animal) em humano, conduzindo a criança a fazer uso de sua razão, conquistar auto-controle e seguir normas sociais que considere justificadas e necessárias”. Ainda seguindo esta linha de pensamento da autora citada acima, Kant citado por FREITAG (1994, p.27), também conceitua a disciplina de uma maneira direcionada a educação escolar, gerando conhecimentos e conquistas para a vida futura do educando. “No que diz respeito a disciplina, compreendida por KANT in FREITAG como uma etapa para a conquista da autonomia, ela dificilmente será aprendida pelas crianças brasileiras que sofrem o impacto permanente da ausência de professor em sala de aula pelos mais variados motivos (greves, licenças injustificadas, transferências, etc)”.

A disciplina é um pré-requisito para que no decorrer da vida uma pessoa adquira com qualidade, conhecimentos, cultura e é também uma via de acesso à autonomia e integridade moral. A pessoa desde cedo tem que aprender uma coisa muito importante: a auto-disciplina, que é uma disciplina básica, e sem ela o indivíduo não terá condições de aprender de forma que tenha um aproveitamento bom dos conhecimentos que lhes serão passados.

Durkheim citado por FREITAG (1994, p.39), através de seu conceito, confirma o que já foi dito: “[...] a disciplina favorece a criação do auto-controle, facilita o controle social, por parte das instâncias sociais, incentiva a regularidade do comportamento e permite reconhecer a autoridade (de pais e mestres), preparando as crianças para a ordem hierárquica existente na sociedade”.

Através dos vários conceitos de disciplina que pudemos conhecer acima, fica claro que a disciplina é muito importante para o processo de ensino-aprendizagem. Sem ela fica muito difícil realizar um trabalho pedagógico significativo, mas isso não quer dizer que os alunos não poderão se expressar, opinar, demonstrar e sanar suas dúvidas, mas deverão ter um mínimo de educação e respeito para com o professor, para com seus colegas e consigo mesmo, fazendo com que o processo de ensino possa ser realizado.

Depois da análise de todos os conceitos relacionados acima, pode-se compreender que a disciplina é resultado de grande dedicação confiança e respeito. É errado pensar que disciplina significa apenas castigo, a disciplina é uma junção da nossa vontade, e da influência do meio em que vivemos.

Quanto ao conceito de indisciplina, o DICIONÁRIO AURÉLIO (S.D., p.938) nos traz: “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião”. Através deste conceito podemos perceber que indisciplina significa a falta de disciplina. Conhecendo o conceito de disciplina e indisciplina, podemos compreender melhor no decorrer do trabalho, todas as dificuldades que o professor encontrará em trabalhar com os adolescentes. Conhecendo as características da adolescência, quais as transformações que estão ocorrendo neste período, fica bem mais fácil o seu trabalho pedagógico.

2.2 COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é um período muito importante e delicado na vida de uma pessoa, pois ocorrem diversas transformações em seu corpo, em sua maneira de agir e pensar.

A palavra adolescência é derivada do latim e significa: crescer para a maturidade, ou seja, é o estágio de transição de criança para adulto.

“Por volta dos dez ou doze anos inicia-se a adolescência, fase em que, pelo aumento físico, os impulsos emocionais a eles associados recrudescem, obrigando a personalidade a reorganizar-se em busca de um novo equilíbrio.” (D’ANDREA, 1989, p.84)

Konopka citado por PIKUNAS (1979, p.274), “vê a adolescência como um segmento importante da continuação do desenvolvimento humano. Ela distingue a primeira adolescência (dos doze aos quinze anos), a adolescência intermediária (dos quinze aos dezoito) e a adolescência final (dos dezenove aos vinte e dois anos).

Salzman citado por PIKUNAS (1979, P.274), “supõe que, quer a adolescência seja popularmente vista como uma época de desenvolvimento sadio ou como um estado perturbado, depende **das atitudes dos adultos em relação à independência que desponta, do florescimento de interesses sexuais, da tendência à preocupação e interesse pelos valores estéticos e questões morais de maneiras que perturbam a cultura existente.**”

Para entendermos melhor a adolescência iremos estudá-la em suas diferentes etapas: pré-pubere, puberdade e pós-puberdade.

PRÉ-PUBERE: É o período em que há a aceleração do desenvolvimento físico. Neste estágio o adolescente apresenta mudanças em seu comportamento devido as transformações que estão ocorrendo. Se interessam por pessoas fora do círculo familiar,

como amigos, namorados; apresentam maior senso de responsabilidade e independência, tendo suas excessões. Existem momentos em que o adolescente demonstra saber cuidar de si mesmo, resolver seus problemas sem precisar de mais ninguém, outras vezes se sente inseguro e incapaz de resolver uma simples questão.

Na pré-puberdade ocorre um acelerado crescimento físico, que é diferente de indivíduo para indivíduo. Alguns jovens podem ter um crescimento antes que outro e assim sucessivamente, ocorrendo diferenças marcantes. Essas diferenças podem ocasionar problemas, como por exemplo: os mais altos ridicularizam os mais baixos com apelidos, ou vice-versa. As meninas também sofrem com semelhantes problemas, mas principalmente com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários.

Segundo PAPALIA e OLDS (1981, p.459),

O que é que mais preocupa os jovens até lá pelos vinte anos? Tudo. Os meninos desejam ser altos e de ombros largos, ao passo que as meninas desejam ser delgadas, mas com o busto cheio. Qualquer coisa que faça com que um rapazinho pense que ele têm aparência feminina (como um físico fraco ou falta de barba) ou com que uma menina pense que ela tem aparência masculina (grande ossatura ou pêlos faciais) faz com que se sintam mal. Os dois sexos querem ser parecidos com todos os demais e se sentem desconfortáveis quando amadurecem muito mais cedo ou muito mais tarde que seus amigos.

Todos os jovens que são ridicularizados pelos colegas através de apelidos, piadinhas de mau gosto, etc, sofrem muito com isso, afetando sua auto-estima, podendo ocasionar frustrações e angústias que o acompanharão durante toda sua vida.

Segundo D'ANDREA (1989, p.86), "Frequentemente, o esqueleto desenvolve-se mais depressa que a musculatura que o sustenta e tal disparidade torna o adolescente desajeitado e desengonçado." Isto também é motivo para que os adolescentes sejam alvo de risadas e comentários de colegas e até de muitos pais, que criticam seus filhos porque não são tão belos, ou porque são desajeitados. O jovem sentindo-se magoado pode até chegar a se afastar do convívio social.

Outras mudanças ocorridas no pré-pubere é que "o desenvolvimento do aparelho circulatório e respiratório não estão suficientemente desenvolvidos..."(D'ANDREA, 1989, p.87), há também o desenvolvimento da sexualidade, fazendo com que o jovem experimente e aprenda novas emoções, sentimentos e sensações até então desconhecidas. Devido a isso o adolescente apresenta-se desinteressado, apático, parecendo viver em outro mundo. Ainda sobre as transformações sexuais dizendo PIKUNAS (1979, p.278) que: "Quando as alterações puberais aparecem comparativamente cedo, o crescimento

estrutural é mais gradual e regular do que na maioria dos casos de crescimento tardio. Se começar tarde, quase sempre o crescimento é turbulento e menos integrado. A aceleração rápida no crescimento traz a inquietação, a fadiga e perturbações nas experiências emocionais”.

Segundo D'ANDREA (1989, p.87), “Os mal compreendidos efeitos da aceleração do desenvolvimento motor e sensorial levam o adolescente a sentir atingido em sua auto-estima, pois a realidade não corresponde ao ideal que faz de si mesmo. Ferido em seu orgulho, o jovem torna-se irritável, nervoso e mal-humorado e ninguém pode auxiliá-lo nestes períodos a não ser tendo paciência e compreensão.”

Através de todas essas transformações, os pais que antes eram vistos como seres perfeitos, na adolescência o jovem procura segundo D'ANDREA (1989, p.88) “...fazer tudo para ser diferente dos pais, seus antigos objetos de identificação.” Sendo estes substituídos por pessoas novas, fora do lar. Com isso os pais sentem e observam as mudanças que estão ocorrendo com seus filhos, que não obedecem mais da mesma maneira que antes, questionam suas restrições e ordens, são rebeldes. Os pais acham que o jovem esqueceu tudo aquilo que eles ensinaram, assim criticam seus filhos, os culpam por essas novas atitudes, tornando mais difícil para o adolescente a formação da sua identidade pessoal e de entender o mundo dos adultos.

PUBERDADE: A puberdade inicia-se aproximadamente aos 13 anos e significa “...a maturação dos órgãos reprodutores, preparando o indivíduo para a sexualidade adulta.”(D'ANDREA, 1989, p.89).

A puberdade ocorre de maneira diferente entre meninos e meninas. Nas meninas, a primeira menstruação deixa claro o início da puberdade. É um acontecimento muito importante na vida de uma mulher, pois a menstruação, mesmo nos dias atuais, ainda é cercada de muitos tabus. O mais importante neste período é que a menina deve estar bem informada sobre o que é a menstruação, qual o seu papel e que não é uma doença ou algo que ela deva se envergonhar.

“A aceitação pela jovem, das mudanças corporais e da menstruação na puberdade depende da estabilidade de suas identificações femininas.”(D'ANDREA, 1989, p.92). Bons exemplos dentro de casa são importantes para que uma jovem dê valor a sua feminilidade, por exemplo: um pai que respeita e ama sua esposa e uma mãe que sente-se satisfeita no que faz, em ser mãe, em desempenhar suas funções de mulher, demonstrar sua importância dentro de casa, faz com que a menina dê valor no papel de ser mulher, não se

sentindo inferiorizada pelo sexo masculino. “Durante a puberdade é importante, também, a observação das atitudes dos pais e do meio a respeito do papel feminino.”(D’ANDREA, 1989, p.92)

No sexo masculino a puberdade têm suas características marcantes, como o aumento do sistema músculo esquelético, crescimento dos órgãos genitais, desenvolvimento dos testículos e pênis, amadurecimento da próstata e vesícula seminal e produção de esperma. O marco característico do início da puberdade masculina é a primeira ejaculação.

É também durante a puberdade e no decorrer dos próximos anos que “... aparecem a barba e os pêlos corporais, a voz engrossa e formam-se as entradas temporais na linha de implantação dos cabelos.”(D’ANDREA, 1989, p.93)

Nos meninos, através dos órgãos genitais, ocorre uma intensidade dos impulsos sexuais. O jovem têm pensamentos e sonhos eróticos, vivem uma constante tensão sexual que de alguma forma deve ser aliviada, e é geralmente através da masturbação.

PÓS-PUBERDADE: este período inicia-se por volta dos 15 e vai até mais ou menos 20 anos. Ao contrário do que se imagina, é uma época de conflitos, onde o adolescente tem que tomar diversas decisões em sua vida. Dentre essas decisões podemos destacar o problema vocacional, onde o indivíduo terá que decidir que profissão seguir, o que vai fazer de sua vida. Enquanto isso ocorre, eles sofrem pressões de todos os lados, amigos, pais e demais familiares, que os questionam a todo momento quanto as suas decisões.

PIKUNAS (1979, p.297), comenta que “A vocação é uma outra área de preocupação do adolescente. Nesta fase da vida, ele compreende a necessidade geral de uma vocação. Muitas vezes está cômico da vocação que gostaria de seguir, mas o adolescente típico não está suficientemente maturo para fazer uma escolha séria.”

Interligado ao problema vocacional também há a superação da dependência familiar, o jovem começa uma vida fora de casa, inicia-se sua emancipação, querem trabalhar, ganhar seu próprio dinheiro, se afastam mais da família para viverem mais no ambiente social. Com isto os pais se sentem esquecidos, diminuídos, portanto começam a impor restrições e críticas ao jeito de vestir aos amigos e o tipo de diversão de seus filhos. Ao invés de ajudar os pais acabam reforçando no adolescente seu desejo de independência, pois eles não querem conviver com pessoas que não os compreendam, que só sabem criticar e proibir. “ Os pais,... não conseguem, em geral, compreender o real significado

das atitudes hostis dos filhos”(D’ANDREA, 1989, p.102). Na verdade eles estão simplesmente se defendendo da maneira de agir de seus pais.

Quanto ao desejo de independência que os jovens sentem em relação aos pais, PAPALIA e OLDS (1981, p.490) dizem que: “Os jovens sentem um conflito constante entre desejar afastar-se dos pais e compreender o quanto na realidade dependem deles. Em sua busca de independência, os adolescentes amiúde repelem as tentativas dos pais de orientá-los, põem de lado suas opiniões como completamente desatualizadas e irrelevantes e deliberadamente dizem e fazem coisas que chocam e ofendem a geração mais velha.”

As relações com o sexo oposto também têm grande importância nesta fase. Os jovens percebem que têm problemas em comum com outros jovens, por isso gostam de estarem juntos, trocarem idéias e experiências. Alguns pais temem a aproximação demasiada de seus filhos com o sexo oposto, “... pois vêem consequências que nem sempre estão nas intenções dos adolescentes.”(D’ANDREA, 1989, p.103), por exemplo: contato íntimo com o sexo oposto, gravidez antecipada, drogas, etc.

É na pós-adolescência que ocorrerá definitivamente a formação de identidade do indivíduo. É imprescindível o apoio dos pais, familiares e amigos, para que o adolescente se torne um adulto feliz.

A adolescência de um modo geral é vista por Hall, resumido por Muuss citado por PAPALIA (1981, p.86), dizendo o seguinte:

Energia, exaltação e atividade sobrenatural são seguidas de indiferença, letargia e aversão. Alegria exuberante, riso e euforia cedem lugar à disforia, tristeza depressiva e melancolia. Egoísmo, vaidade e convencimento são tão característicos deste período da vida como o são o aviltamento, a humilhação e o acanhamento. Pode-se observar tanto os remanescentes de um egoísmo infantil inibido como um crescente altruísmo idealista. A bondade e a virtude jamais são tão puras, porém jamais a tentação preocupa tão fortemente o pensamento. O adolescente quer solidão e retraimento, ao mesmo tempo em que se encontra preso a paixões e amizades. Jamais um grupo de amigos voltará a ser tão forte influência sobre ele. Em um momento ele pode exibir sensibilidade e carinho; em outro, rudeza e crueldade. Apatia e inércia vacilam com uma entusiástica curiosidade, um impulso para descobrir e explorar. Há um anseio por ídolos e autoridade que não excluem um radicalismo revolucionário dirigido contra qualquer autoridade.

Pudemos confirmar através do que nos diz o autor, que a adolescência é um período muito especial, portanto devemos tomar muito cuidado, como também nos prepararmos para trabalhar com estes jovens.

PAPALIA e OLDS (1981, p.528), trazem um quadro muito interessante sobre os pontos fortes dos adolescentes. O adolescente apresenta uma saúde muito boa, muita

energia e vitalidade; gostam e reconhecem a beleza da natureza, objetos e pessoas; quando têm um emprego sentem-se orgulhosos, se dão bem com os companheiros de trabalho; são bem humorados, tem amigos de ambos os sexos e capacidade para entreter os outros; gostam de praticar esportes; usam da sua criatividade e imaginação na escola, trabalho, em casa; apresentam capacidade para assumir compromissos, manter promessas e perseverança na conclusão de uma tarefa; frequência às atividades e reuniões da igreja, confiança nas crenças religiosas; capacidade para liderar equipes, clubes ou organizações; gosto pela aventura ou pioneirismo; capacidade para dar e receber calor, amor, tem consciência de seus sentimentos; interesse em colecionar selos, moedas ou outras coisas. Aqui estão relacionadas algumas das características marcantes dos adolescentes. Se o professor tiver o conhecimento disto, poderá contribuir muito para o seu trabalho pedagógico em sala de aula.

2.3 A FALTA DE DISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Atualmente a falta de disciplina dentro da escola está sendo muito discutida, como também uma grande preocupação dos professores e educadores que enfrentam diariamente este problema dentro de sala de aula.

Segundo SEKULIC (1998, p.11), “Nos dias de hoje, em função de uma educação baseada numa falsa liberdade, os próprios pais acabam contribuindo para que as crianças e adolescentes extravasem suas frustrações dentro da sala de aula, seja com professores ou com os próprios colegas”. Devido a essa falta de limites, que muitas vezes, como coloca a autora, já vem de casa, os professores recorrem a atitudes drásticas, como expulsar da sala de aula, tirar pontos da nota, etc.

SEKULIC (1998), também nos diz que dentro de uma sala de aula encontra-se uma variedade muito grande de pessoas, cada uma com seu jeito, sua bagagem cultural, com histórias e realidades diferentes, e se todas essas diferenças forem somadas dentro de uma classe, fica difícil para o professor saber como agir. O professor deve estar bem consciente e preparado quando for assumir uma turma.

BALTAZAR (1998, pg11), também comenta sobre a falta de disciplina dentro da escola sob um ângulo social da cultura brasileira, e diz que “a própria situação econômica e social do país, a violência e a ausência dos pais, [...], são os fatores que colaboram para

gerar esse tipo de comportamento agressivo, e a escola acaba muitas vezes vista como uma das maneiras que o aluno encontra para extravasar.”

A indisciplina pode se manifestar de várias maneiras. Segundo VASCONCELLOS (1995), o problema apresenta-se nas imediações da escola, festas e eventos e na sala de aula (principal preocupação por parte dos educadores); manifestando-se através de conversas paralelas durante a explicação do professor; dispersão; os alunos não fazem mais a lição de casa; não trazem material; se ficam sozinhos em sala inicia-se uma algazarra sem controle; comem durante as aulas; depredam o patrimônio escolar; entre outras coisas.

Qualquer pessoa pode constatar que com este clima de desrespeito não se consegue realizar um bom trabalho pedagógico.

Está difícil conseguir a disciplina dentro da escola e na sala de aula. Só que é muito cômodo culpar somente o aluno do problema em questão. Será que os professores e dirigentes, também não tem uma parcela de culpa?

VASCONCELLOS (1995), afirma que os professores contribuem para o caos em que se encontra a educação brasileira. Alguns professores cansados, angustiados, pensam até em desistir da profissão em alguns momentos, pois têm que conviver com baixos salários, desvalorização da profissão, desrespeito por parte de alunos e falta de materiais, equipamentos e instalações adequadas para que se possa desenvolver um ensino de qualidade.

Segundo MINIOUCCI (S.D., p.1), temos alguns itens exemplificando como que o professor contribui para o problema da indisciplina:

1-Falta de preparo. Planejamento, dosagem de matéria, aula desinteressante; 2- Falta de pontualidade; 3- Incoerência de atitudes; 4- Falta de motivação; 5- Falta de dosagem da voz; 6- Falta domínio de classe logo no início do ano; 7- falta de recreio coordenado; 8- Substituições frequentes; 9- Colocar aluno fora de classe; 10- Grupo heterogêneo; 11- Professor universitário que permite o mesmo sistema de Faculdade; 12- Falta de objetivos no trabalho; 13- Falta de limpeza e ordem; 14- Promessas não cumpridas; 15- Incoerência nas exigências; 16- Problemas emocionais; 17- Falta de conhecimento (preparo); 18- Personalidade individual; 19- Aturar demais o aluno problema, sem tomar providências; 20- Falta de ética profissional.

Quanto aos diretores das escolas, muitas vezes não são os mais adequados para dirigirem um estabelecimento educacional. São escolhidos porque a clientela do colégio exige esta ou aquela pessoa, não levando em consideração se este indivíduo escolhido está

consciente do seu papel dentro da instituição escolar, se está comprometido em realizar um trabalho consciente.

Segundo DIETRICH (1997, p.129):

No entanto atualmente está ocorrendo uma inversão do papel do Diretor, que passou a **representar os interesses da Secretaria de Educação nas escolas, esquecendo-se dos interesses de quem os elegeu, e do próprio projeto**. Para este comportamento existem duas explicações: o Diretor estaria agindo de má fé, construindo a escola que os **Chefes** querem, trabalhando como um **espião** dentro da escola, usando o seu posto para pressionar e oprimir as pessoas; ou então seria a falta de experiência democrática, o Diretor não conhece seu papel político, desconhece as prioridades da escola (como por exemplo recursos materiais que a escola realmente necessite), e não tem a preocupação de garantir o currículo básico, baseia-se mais em questões burocráticas do que no cotidiano escolar. Para este Diretor o mais importante é o cumprimento de normas do que o aprimoramento da formação profissional, e principalmente ignora que cada ato seu seja um ato político, limitando-se a defini-lo como pedagógico, sem se dar conta da inter-dependência de ambos.

A indisciplina gerada pela escola segundo MINOUCCI (S.D., p.1) são: “1- Falta de material e ambiente adequado; 2- Classes numerosas; 3- Salas superlotadas; 4- Classes anexadas; 5- Falta de seleção de alunos na matrícula; 6- Falta de espaço; 7- Falta de limpeza e ordem, 8- localização da classe.”

O aluno, com certeza também contribui muito para a indisciplina, e segundo o autor acima citado temos: “1- Problemas familiares; 2- Desnutrição; 3- Falta de base; 4- Falta de limpeza e ordem; 5- Disposição dos alunos em classe; 6- Problemas de saúde (visão, audição, etc); 7- Problemas emocionais; 8- Crianças excepcionais; Falta de interesse.”

Não só os dirigentes da instituição de ensino são responsáveis pelos problemas que a escola enfrenta, mas também os dirigente do governo.

Segundo FREITAG (1994, p.24), “Uma pedagogia de qualidade, [...] é incômoda para setores decisivos da sociedade brasileira contemporânea. Encontra-se aqui os limites para sua concretização na realidade educacional do país.” A autora, com seu posicionamento quanto a educação brasileira deixa claro que os setores dominantes da sociedade brasileira, querem que o ensino continue como está. Será que é por isso que o governo não investe e valoriza o ensino no Brasil?

A indisciplina gerada por outros fatores, também contribui para o problema dentro da escola, como por exemplo: se dentro da família eles estão passando por necessidades de ordem financeira ou desajustes familiares; os pais mudam de cidade, região ou país fazendo com que haja interrupção das aulas, etc.

Com certeza o trabalho escolar não pode realmente se dar sem que haja esforço, dedicação e disciplina. Quanto à indisciplina/disciplina na escola não se pode exigir o máximo do aluno, aquilo que está além das suas possibilidades, e capacidades. É preciso ter respeito pelo aluno, não saindo da convicção de que ele só se realizará na vida social.

A disciplina não é simplesmente uma obediência cega pelos alunos em relação aos professores. Os alunos devem questionar o que está acontecendo ao seu redor, o porque disto ou daquilo. Se o educando é indisciplinado, ele pode estar querendo dizer algo em detrimento deste comportamento. Ele pode estar querendo dizer que a escola, o trabalho que está sendo realizado para ele, não está sendo motivante, não está tendo um significado, uma aprendizagem consistente.

O trabalho escolar deve estar preocupado em propiciar ao aluno condições para que ele seja dirigente e não subalterno e isso exige esforço, trabalho e disciplina. Portanto a escola não pode ser um local de ensino fácil e atraente em todos os momentos, mas um local que, dentro do respeito ao aluno, impõe sacrifícios, renúncias e esforço..

Para o aluno é difícil ficar horas sentado em uma mesa, fazendo lições, lendo, colocando seus pensamentos em ordem, isto exige auto-disciplina e esforço. Aprender, ir à escola, estudar é um trabalho como qualquer outro, pois também faz com que o aluno se canse, se fadigue, obrigando-o a se privar das atividades que gostaria de realizar.

Para que haja um processo educacional consciente, significativo, todos os envolvidos (escola – professor – aluno), devem contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra da melhor maneira possível. Todos devem se empenhar, dar o melhor de si principalmente a escola e o professor, através de um trabalho bem elaborado, com objetivos e metas a serem atingidas. Se isto ocorrer, conseqüentemente, o aluno também se interessará pelo processo, se for interessante e motivante para ele.

2.4 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS RELACIONADAS A FALTA DE DISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

Através de tudo que já foi discutido , podemos perceber que todos os envolvidos com o processo educacional, tem contribuído para agravar o problema da indisciplina, e que ela está diariamente atrapalhando as aulas, irritando professores, diretores, prejudicando o andamento da vida escolar. Por estes motivos vamos discutir agora o que

cada um pode fazer para melhorar a prática pedagógica, e quais as orientações metodológicas no trabalho docente com os adolescentes.

O adolescente está passando por uma fase de transição em sua vida. Segundo RIBEIRO (1997), acredita-se que todos os problemas e complexidades que se dão nesta fase, adolescência, são devidos a interação dos fatores biológico, psicológico e social. Por isso se torna muito delicado trabalhar com esta faixa etária, porque eles não gostam de se sentirem obrigados a fazerem aquilo que não querem, questionam o mundo de uma forma geral e querem modificá-lo do dia para a noite. Ainda segundo RIBEIRO (1997, p.47):

Quando há problemas de disciplina, a agressão não surte efeito, pois é meramente punitiva e não gera mudanças substanciais no comportamento, principalmente com adolescentes que encararão com revolta esse procedimento. Podemos, sim, considerar como método educacional o castigo, aqui entendido com retirada de privilégios e advertência verbal. Ele deve ser raro ou ocasional, pois sua aplicação exagerada pode deixar de surtir o efeito psicológico desejado. O castigo tem, ainda, a vantagem de que sua duração e severidade podem ser variadas e controladas objetivamente, além de poupar o adolescente de excessos de violência por parte de quem aplica a penalidade.

Pais e educadores, às vezes assumem posturas contra-indicadas para trabalhar com o adolescentes. Segundo RIBEIRO (1997, p.47), existe três desses comportamentos: superautoridade, superpermissividade e superindulgência. Cada uma dessas maneiras de agir prejudicam no processo educacional.

Uma dessas atitudes, e a que mais revolta o jovem, é a superautoridade, onde se faz uso de um autoritarismo que coloca ao adolescente limites muito curtos que o impossibilitam de vivenciar do seu jeito o mundo que o cerca, além de muitas vezes exigir dele atitudes que estão acima de suas possibilidades. Uma outra atitude igualmente prejudicial, apesar de oposta à anterior, é a superpermissividade que consiste em deixar o jovem sem limites claros, possibilitando que ele vivencie o mundo, mas sem um balizamento, o que gera uma profunda sensação de insegurança e abandono. A terceira atitude é a superindulgência, que seria a preocupação exagerada em satisfazer as necessidades do adolescente, a fim de que ele não se frustre. Esse procedimento muitas vezes leva o jovem a se tornar incapaz de enfrentar o mundo sozinho, podendo, inclusive, ocasionar-lhe um comportamento neurótico.

A escola é super importante para o jovem, pois dentro dele pode vivenciar muitos aspectos de sua vida, como, conhecer suas potencialidades, limites e conhecer sentimentos de vitória e derrota. Outros aspectos positivos que a escola pode proporcionar, podemos notar no que diz RIBEIRO (1997, p.48):

A Escola é de grande utilidade na reorganização da personalidade do adolescente, principalmente no campo social, pois a escola, além de pôr o jovem em contato com os adultos, propicia, através dele, a quebra do tabu da infalibilidade dos pais. A escola ajuda, ainda, o jovem a adquirir consciência de seu valor e possibilita a ele, ao mesmo tempo que

areja a mente através do contato com outros adolescentes, equacionar certos problemas através de seu relacionamento com os educadores.

Os adolescentes reconhecem a importância da escola, mas permanentemente se queixam sobre suas exigências:

- “- assistir a todas as aulas, sem conversas ou brincadeiras;
- respeitar professores e funcionários;
- conservar os objetos da escola;
- respeitar horários de entrada e saída da escola;
- aceitar a orientação vinda dos membros do Colégio.”(RIBEIRO, 1997, p.48)

Durante o decorrer do ano letivo os adolescentes, muitas vezes transgridem estas normas, ficando sujeitos às penalidades do Colégio, como, advertências, exclusão da sala, etc. Por esses motivos é que os jovens criticam a escola, e portanto entram em choque com a mesma, discordando da disciplina escolar. Para RIBEIRO (1997), se a disciplina for apresentada ao jovem de uma maneira onde haja diálogo, mostrando que ela é uma necessidade social, explicando o porquê disto ou daquilo e respeitando a opinião dele, muitos problemas já serão prevenidos.

Todos devem participar, para que a educação brasileira seja de qualidade e se construa uma sociedade melhor. Segundo BORDENAVE (S.D., p.20), “[...] a participação não mais consiste na recepção passiva dos benefícios da sociedade mas na interação ativa na sua construção, o que é feito através da tomada de decisões e das atividades sociais em todos os níveis.”

Podemos agora relacionar algumas atitudes que poderão ser tomadas pela escola, professores e alunos:

Pela escola: segundo (VASCONCELLOS, 1995), a escola deve ser uma instituição com um sentido e propostas educacionais definidas, de forma que ninguém tenha dúvidas sobre os objetivos que ela queira alcançar. A escola não conseguirá alcançar nada só com boas intenções, ao contrário, a escola deve estar comprometida com a socialização do saber elaborado, objetivando a melhora da qualidade de ensino, através de uma aprendizagem sólida e duradoura do aluno.

Grande parte dos alunos questionam o porquê de estudar, se um tio, pai, ou qualquer outra pessoa que ele conheça, não frequentou a escola e se deu bem na vida, constantando desta forma que a escola não lhe assegurará um lugar na sociedade futura. Por esse e outros motivos a escola deve deixar claro que através dos conhecimentos que

ele adquirirá não estará somente tendo mais chances na sociedade, mas poderá contribuir na sua modificação, transformá-la em algo melhor para si e para os outros.

Neste sentido “[...], ao nosso ver, encontra na tríplice articulação entre **compreender**, o mundo que vivemos, **usufruir** do patrimônio acumulado pela humanidade e **transformar** este mundo, qual seja, colocar este conhecimento à serviço da construção de um mundo melhor, mais justo e solidário” (VASCONCELLOS, 1995, p. 58).

A escola deve mostrar ao aluno que ela está trabalhando, pesquisando, investindo para ele; que quer o melhor para o educando, quer lhes oferecer uma aprendizagem adequada e de seu interesse.

Também há necessidade, da instituição escolar, estabelecer uma postura comum entre professores, auxiliares, direção, equipe técnica, do que pode ou não fazer, o que é grave e o que não é, etc. As normas devem estar definidas. Os alunos, desta maneira, saberão como agir, o que podem ou não fazer dentro da escola, e se acaso ocorra alguma infração saberão o que irá acarretar para si.

Para que o aluno esteja seguro de que a escola está lhe oferecendo o melhor, ela deverá, além de tudo o que já foi citado, adequar o currículo para a clientela com a qual trabalha, ter constante comunicação e contato com as famílias, valorizar e melhorar as condições de trabalho para os professores, através de equipamentos, melhores salários, materiais pedagógicos, para que estes possam realizar um bom trabalho, como também quando houver necessidade de aplicar as normas do colégio ter flexibilidade e compreensão, proporcionar atividades extra-classe como esportes, atividades culturais, artísticas para que a comunidade escolar tenha chance de se integrar e se consolidar.

Pelo professor: a indisciplina é um dos piores, se não for o pior inimigo do professor. Por causa dela muitos professores desistem da profissão, ou simplesmente ficam desacreditados quanto ao trabalho escolar. Para contribuir no combate à indisciplina o professor pode fazer muitas coisas, e assim acreditar no ensino, na escola, no aluno. Segundo LIBÂNEO (1994), a disciplina dentro da sala de aula está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, a sua moral, sua técnica, sua preparação, sua autoridade profissional. Portanto o professor deve, em sua profissão, desempenhar da melhor maneira possível sua função. Veremos a partir de agora como ele poderá agir:

Assumir a realidade na qual está inserido, assumir seu trabalho, seus alunos e tentar mudar este quadro, para que seja feito um trabalho recompensador. Com nos diz a frase:

“Só se pode transformar a realidade a partir do momento em que se assume a existente” (VASCONCELLOS, 1995, p. 68).

Para ocorrer a transformação da realidade, o professor deve parar de lamentar, jogar a culpa em outras coisas (aluno, escola, salários, etc) e trabalhar com vontade de mudar a realidade em que vive. Mas para mudar é preciso acreditar nesta transformação, isso não é fácil, deve haver muita garra e vontade, como também; “conseguir as condições de trabalho em sala de aula; comprometer-se com a luta mais geral de mudança da escola, alunos, pais e sociedade”(VASCONCELLOS, 1995, p.69).

Segundo VASCONCELLOS (1995, p.69), “O professor é um dos principais agentes de mudança da disciplina (ou um agente privilegiado): 1- Por estar em contato direto com os alunos, no *locus* privilegiado onde se manifesta o problema; 2- Por ser – potencialmente – um dos mais interessados em resolver este problema (em função do elevado desgaste que sofre)”

Para que o professor consiga realmente trabalhar com uma turma de forma eficaz, séria e comprometida, deve ter clareza do seu papel, que é legitimado socialmente.

VASCONCELLOS (1995), afirma que o professor não pode ser extremista (super-estimar seu papel sendo fechado, convicto, convencido, ou sub-estimar seu papel, sendo inseguro, desorientado, culpado, mole, etc). O professor deverá compreender seu papel e encontrar sua maneira de agir de forma justa, compreensiva, deve ter convicção daquilo que está fazendo, da sua proposta, de seus objetivos. “Deve o professor ter convicção da proposta que está levando para os alunos, considerar aquilo de fato muito importante/significativo para os alunos, sentir que tem algo relevante a trabalhar com aquele grupo, que supera o senso comum, que é algo novo e bom (isto porque sua proposta é bem preparada e atende às reais necessidades do grupo); auto - valorizar-se.” (VASCONCELLOS, 1995, p.74)

Outro ponto fundamental é o respeito. O professor deve respeitar o aluno sinceramente, e conseqüentemente será respeitado por eles. Os alunos não são obrigados de maneira nenhuma a gostar do professor, dos colegas, das atividades propostas, pois as diferenças existem e as pessoas têm o direito de opinar, se expressar, de sentir de forma contrária um do outro. Mas o respeito deve existir sempre, pois sem ele o processo de ensino-aprendizagem não se realizará.

Uma proposta de trabalho adequada, respeitando a individualidade de cada turma também se faz necessária, pois é a meta que o professor irá seguir. Nesta proposta deverão

estar incluídos um ensino significativo, participativo e comprometido com o processo educacional. Quando for formular uma proposta o educador deverá observar as reais necessidades dos alunos, propor conteúdos interessantes, uma metodologia participativa. O professor deverá “levar o aluno a perceber que **faz diferença** participar ou não da aula, pois a aula é substanciosa, viva, interativa, desafiadora, reveladora.” (VASCONCELLOS, 1995, p.79).

Um ponto interessante que deve estar imbutido na proposta do professor é que ele de maneira alguma vincule nota à disciplina, ameaçando os alunos; pois o aluno deve ser avaliado de outra forma, deve ser avaliado dentro do seu processo, como um todo.

Em sua aula o professor deve estabelecer um clima agradável, onde o aluno se sinta bem, com vontade de estar ali participando, contribuindo para aquele clima de respeito e amizade. O professor não pode levar para dentro da sala de aula problemas particulares, mau-humor e coisas do gênero. E apesar de favorecer o clima de amizade, deve também impor os limites. Dentro de todo este clima de calor humano, respeito, harmonia, o professor deve tomar algumas atitudes importantes como: combater a gozação entre colegas, com o próprio professor; não rotular ninguém com apelidos, ou porque a pessoa é de cor, gorda ou muito magra, pois é uma forma de preconceito e as pessoas podem se sentir magoadas e invadidas; dar atenção a todos, não menosprezando ninguém; conviver além da sala de aula, ser amigo, saber ouvir os alunos não só dentro da sala, mas também fora, assim o aluno se sentirá respeitado.

O professor não deve de maneira nenhuma trabalhar com seus alunos de maneira que eles se sintam ameaçados, acuados, mas sim de uma maneira adequada a cada turma de maneira interessante e motivante. Quanto a isso FLEURI (1990, p.41) nos diz que: “forçar os alunos a trabalhar, mediante a ameaça de nota baixa ou reprovação? Insistir que assumissem pessoalmente as atividades didáticas? Tentar motivá-los, propondo assuntos que lhes interessem.” Os professores devem inculcar a disciplina em seus alunos por atos e palavras. Não adianta dizer para uma turma que as coisas devem ser feitas desta ou daquela maneira, se um momento depois você mesmo faz o contrário daquilo que falou. As ações são muito observadas pelos alunos, por isso o professor deve dar o exemplo.

Segundo HILLAL (1985), as comunicações inconscientes podem ser vistas pelos alunos através dos professores, “[...] cujas aulas se revestem de grande indisciplina. Estes professores podem empregar bons métodos pedagógicos, mas os alunos imediatamente notam as falhas inconscientes dos professores. Rapidamente percebem a angústia e a

agressividade dos mestres” (HILLAL, 1985, p.22). Podemos notar que se torna importantíssima a preparação do professor, sua tranquilidade e segurança no trato com o conhecimento e com os alunos.

Durante sua prática pedagógica o professor precisa se esforçar para conseguir trabalhar com seus alunos, e para que isso aconteça existem algumas soluções viáveis apresentadas por MINIOUCCI (S.D.), em seu texto “Motivos que determinam indisciplina na sala de aula”, que podem ser aplicadas pelo professor:

- Não chegar atrasado (pontualidade), e esperar o aluno já dentro da sala, evitando algazaras;
- Antes de entrar na sala de aula, deixar os problemas de lado, não misturando trabalho com problemas particulares;
- Ter responsabilidade, se preparar, e sempre estar se atualizando através de cursos, livros, etc;
- Fazer auto-avaliação (como estou dando aula?, será que minha aula é interessante, traz algo a mais para meus alunos?, etc);
- Durante a explicação do conteúdo utilizar uma linguagem simples, para que todos possam ter facilidade em compreender o que está sendo passado;
- Se acaso prometer alguma coisa, terá que cumpri-la. Portanto, pensar bem antes de prometer algo.
- Deixar claro ao aluno que sistema será adotado em sua aula, o tipo de avaliação, etc;
- Seguir as normas que forem adotadas tanto dentro de sala com do regimento escolar, e aplicar devidamente as penalidades em caso de indisciplina;
- Se houver algo a ser dito a um aluno, conversar em particular;
- Visitar a casa dos alunos, conversar com os pais;
- Motivação;
- Ter com o aluno uma relação de respeito e amizade (não se sentir em um pedestal);
- Controle emocional (tom de voz, constância, ser metódico);
- Quando houver conselho de classe, reuniões de pais e mestres, participar e contribuir para solucionar os problemas especiais;
- Acaso ocorra algum tipo de problema dentro da sala de aula, solucioná-lo ali mesmo;
- Respeitar as individualidades dos alunos;
- Auto-crítica;

- Pontualidade na devolução de trabalhos e provas;
- Ter posição definida, coerência, imposição de limites (sim, sim ou não, não);
- Ética profissional;
- Desde o primeiro dia de aula, procurar dominar a classe;
- Dosar a matéria;
- Dar ênfase aos benefícios do bom comportamento, respeito mútuo (desde o primeiro dia de aula);
- Expulsar alunos da sala somente em casos extremos;
- Iniciar a aula com algum conselho, ou coisa parecida;

Alguns castigos recomendáveis:

- Compensar o erro de forma econômica e moral;
- Admoestação em particular;
- Pedir desculpas e reparar a falta;
- Sofrer as consequências naturais (perder provas por cola, etc);
- Isolamento temporal na classe;
- Mudança de lugar;
- Separação temporária da escola;
- Exclusão.

Através destas atitudes estaremos ensinando ao aluno o governo de si mesmo, desenvolvimento de atitudes responsáveis e de respeito mútuo e o reconhecimento de suas faltas. Não devemos tolerar a desobediência.

Pelo aluno: o aluno, dentro da instituição escolar é o membro mais importante, pois é para ele que professores e direção desenvolvem o trabalho educacional. Por isso o aluno tem de se conscientizar sobre seu valor dentro da escola, e participar, se integrar no processo de forma que possa ser desenvolvido um bom trabalho.

Para VASCONCELLOS (1995), o aluno pode prejudicar o trabalho educativo falando de mais ou de menos, atrapalhando não só a ele como aos seus colegas. Um ensino transformador exige do educando uma participação consciente e interativa em sala de aula, ele deve respeitar os professores, colegas, funcionários, pois todos se esforçam para que o trabalho evolua da melhor maneira possível. Dentro da escola todas as pessoas têm direitos e deveres, o aluno deve ter o conhecimento disto e aceitá-los, cumpri-los. Por exemplo: o aluno tem direito de reclamar sobre um conteúdo que foi mal explicado, ou se a escola está suja, exigir respeito de professores e colegas. Mas também têm deveres: prestar atenção à

explicação do professor, conservar a escola limpa, etc. Dentro da escola, os alunos também podem se organizar formando grupos, como, representantes de turma, grêmios estudantis, etc, desta forma podem levantar questões, contribuir para o trabalho dos educadores, propor atividades, lutar por melhores condições de ensino, instalações, materiais, quadras, etc.

3.0 METODOLOGIA

Este estudo de caráter bibliográfico foi realizado a partir da literatura referente ao assunto proposto. Em primeiro lugar houve a leitura e anotações sobre disciplina/indisciplina, características do período da adolescência e por último orientações metodológicas sobre como enfrentar o problema no contexto escolar. Após esta fase, todas as informações coletadas serviram para a construção do texto, que analisa o conteúdo apresentado pelos diversos autores discutidos.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em questão discute o problema da falta de disciplina que acontece dentro da escola, com alunos adolescentes, e como o professor pode agir diante do problema.

Para compreender todo este problema se faz necessário discutir alguns aspectos importantes: conceito de disciplina; o que acontece no período da adolescência; a falta de disciplina dentro do contexto escolar e, finalmente, orientações metodológicas relacionadas a falta de disciplina no contexto escolar.

Através da discussão dos tópicos acima relacionados, pudemos perceber que a disciplina é fundamental dentro da escola para que ocorra um trabalho pedagógico significativo e de qualidade. O professor deve conhecer muito bem a clientela com quem está trabalhando, e no caso deste estudo, os adolescentes, porque poderá orientá-lo no modo de agir, de trabalhar, adequando da melhor forma possível suas atividades, sua aula para a individualidade de cada turma.

Também é importante saber que não é só o professor que deve melhorar, enfrentar todo o problema sozinho. A escola, os alunos, os pais, todos os envolvidos com o processo educacional devem estar unidos para melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Pelo que pudemos observar a disciplina não pode ser solucionada de um dia para o outro. É necessário um trabalho sério e comprometido com a realidade da escola e do aluno. A falta de disciplina é um problema que existe, é difícil de ser trabalhado, não tem uma receita pronta para solucioná-lo, principalmente, com os adolescentes, pois é necessário conhecê-los e saber agir de acordo com suas características.

O estudo em questão poderá contribuir para os educadores, pois trás orientações metodológicas de como poderão trabalhar com seus alunos, que estão atravessando este período conflitante, a adolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTLHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. São Paulo: Círculo do Livro S.A, S.D.
- BORDENAVE, Juan E. D. **O que é participação**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, S.D.
- D'ANDREA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade**. 9. ed. Bertrand Brasil S.A., 1989.
- FLEURI, Reinaldo M. **Educar para quê?; Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- FREITAG, Bárbara. **O indivíduo em formação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- HILLAL, Josephina. **Relação professor-aluno – formação do homem consciente**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- LIBÂNEO, José C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Nova Fronteira, S.D.
- PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W. **O mundo da criança**. São Paulo: McGraw-Hill, 1981.
- PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano: uma ciência emergente**. São Paulo. McGraw-Hill do Brasil, 1979.
- RIBEIRO, Marco Aurélio de P. Educação disciplinar – Idéias básicas para auxiliar o período da adolescência. **Revista do Professor**, Porto Alegre, p. 46-48, abr./jun. 1997.
- SEKULIC, Adriana; BALTAZAR, Fátima M. Indisciplina nas escolas atormenta professores. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 jun. 1998.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995.